

Sobre o De Sectis de Galeno e o empirismo de Sexto Empírico: Tradução de Galeno, Das seitas médicas para os iniciantes, 1.64.1- 1.69.5, bilíngue, com introdução.

On Galen's De Sectis and Sextus Empiricus' empiricism: Greek/Portuguese translation of Galen, On the Medical Sects for Beginners, 1.64.1- 1.69.5, bilingual, with introduction.

Rodrigo Pinto de Brito
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

E-mail: www.rodrigobrito@gmail.com | ufs-br.academia.edu/RodrigoPintodeBrito

Resumo:

Galeno (129-216 d.C.) foi um autor prolífico e de suma importância para o desenvolvimento da medicina. Contudo, tem sido pouco estudado na lusofonia. Aqui nosso objetivo é fornecer uma versão de *Das seitas médicas para os iniciantes*, 1.64.1- 1.69.5 em vernáculo, com introdução e seguida por texto grego. Na introdução argumentamos pelo valor do estudo de *Das seitas médicas* como fonte externa para a compreensão do Empirismo de Sexto Empírico. Ademais, em um apêndice oferecemos uma tábua cronológica dos médicos mencionados em pseudo-Galeno, *Introductio seu medicus* 14.683.5-14.684.5.

Palavras-chave: Medicina antiga; Galeno; Pirronismo; Sexto Empírico; Empirismo.

Abstract:

Galen (129-216 A.D.) was a prolific writer, mostly important for the development of medicine. However he is not receiving the deserved attention by researchers in Lusophonic world. Here we aim to display a Portuguese translation of *On the Medical Sects for Beginners* 1.64.1- 1.69.5, with introduction and Greek text. At the introduction we dissert on why studying Galen's *On the Medical Sects* is useful as an external source for comprehending Sextus Empiricus and his empiricism. Furthermore, with an appendix we display a chronology of the physicians mentioned in pseudo-Galen, *Introductio seu medicus* 14.683.5-14.684.5.

Keywords: Ancient Medicine; Galen; Pyrrhonism; Sextus Empiricus; Empiricism.

i-

O médico/filósofo Galeno, nascido em Pérgamo em torno em 129 d.C., foi um dos mais ilustres e influentes pensadores de escrita e língua grega, tendo estruturado os fundamentos de uma medicina que perdurou por cerca de 1500 anos. Foi um escritor prolífico, tendo dele sobrevivido quase cento e cinquenta obras. Seus interesses temáticos variavam entre história das ciências e da filosofia, lógica, epistemologia, ética e metafísica, bem como, evidentemente, medicina: anatomia, fisiologia, diagnóstico, nosologia, terapêutica, farmacologia e etc.

Seguindo a fixação textual de Kühn¹, a breve tradução que se seguirá compreende os passos 1.64.1 até 1.69.5 de *Das seitas médicas para os iniciantes*, pois, apesar de Galeno merecer por si só ser mais estudado, este texto apresenta uma discussão aparentemente acirrada entre três importantes seitas médicas: Empiristas, Racionalistas e Metódicos, travada principalmente entre os integrantes das duas primeiras supramencionadas seitas. Galeno, ao nos narrar as querelas, também nos apresenta muito didaticamente os

¹ KÜNH, 1819-33.

fundamentos epistemológicos e as abordagens práticas de cada uma destas seitas. Assim sendo, meu interesse imediato é usar a apresentação inicial da seita dos Empiristas para compreender outro pensador, Sexto Empírico, que, ainda que tenha nos deixado uma obra extensa e de importância ímpar, desconcerta-nos com a ausência quase que total de informações a seu respeito, ao contrário de Galeno, cuja biografia se conhece bastante bem.

Em suma, mesmo que Galeno faça jus a uma investigação independente, o objetivo do presente trabalho é usá-lo como peça de outro quebra-cabeça: quem foi Sexto Empírico? Assim, oferecerei ao leitor a introdução do próprio Galeno à seita dos Empiristas em vernáculo, suscitando a possibilidade de comparar com passos metodológicos que considero proeminentes na abordagem que Sexto Empírico faz do conhecimento, das artes e dos ofícios e da vida comum. Antes de prosseguir demonstrando como Galeno pode ser útil para compreensão do ceticismo sextiano (e também os problemas decorrentes disso), algumas palavras devem ser ditas sobre *Das seitas médicas*.

ii-

Como dito mais acima, o texto em questão trata de uma contenda teórica entre três seitas médicas: Empiristas, Racionalistas e Metódicos, principalmente as duas primeiras. Segundo a breve história das seitas fornecida por pseudo-Galeno, *Introductio seu medicus* 14.683.5-14.684.5²:

A seita Racionalista foi liderada por Hipócrates de Cos, que foi também seu fundador e aquele que primeiro estabeleceu a seita Racionalista, então, após ele: Diocles de Caristo, Praxágoras de Cos, Herófilo da Calcedônia, Erasístrato de Quíos, Mnesitheo de Atenas e Asclepiades de Cian, na Bitínia, que também é chamada de Prusias.

A seita Empirista foi liderada por Filino de Cos, quem primeiramente rompeu com a seita Racionalista, buscando ocasiões para disputar com Herófilo, de quem foi aprendiz. Desejando liderar sua própria seita que, não obstante, seria mais antiga do que a seita Racionalista, pois afirmaram que ela fora fundada por Ácron de Agrigento. Após Filino houve Serápion de Alexandria, então os dois Apolônios, pai e filho e Antíoco. Após estes houve Menodoto e Sexto [Empírico], que levou [a seita] à perfeição.

O Metodismo foi fundado por Themison da Laodicéia síria, que adquiriu com Asclepiades, o Racionalista, o que precisava para inventar a seita Metodista. Foi então aperfeiçoada por Téssalo de Trales. Após estes houve Mnaseas, Dionísio, Proclo e Antípatro. Formando sua própria facção [dentro dos Metódicos] houve Olimpiacos de Milésia, Menemacos de Afrodísias e Sorano de Éfeso. Ademais, alguns, como Leônidas de Alexandria, juntaram as seitas, enquanto outros eram ecléticos, como Arquiguenes da Apaméia síria³.

Tomando o pseudo-Galeno acima, podemos dizer que a rixa que propiciou o surgimento da seita dos Empiristas, entre Herófilo (considerado o fundador da anatomia) e Filino de Cos, ocorreu em meados do séc. III a.C. Por

² Para uma cronologia, ver o apêndice.

³ A tradução é de WALBRIDGE, 2014, p. 208.

sua vez, se tomarmos Galeno, *Das seitas médicas*, podemos afirmar que as disputas perduraram até seu tempo, ou seja meados do séc. II a início de III d.C.

Em questão estavam tópicos como a natureza do conhecimento médico; se a medicina era uma ciência (ἐπιστήμη) – o que a tornaria sobretudo um aporte teórico – ou um ofício (τέχνη) – fazendo-a sobretudo um aporte prático –; conseqüentemente, como deve o médico se comportar em termos de diagnóstico e terapêutica, seguindo a natureza do conhecimento médico e o aporte que defende e adere.

Claro, da ruptura entre Herófilo e Filino até Galeno, cerca de 500 anos se passaram. As duas seitas amadureceram suas posições, o debate se tornou mais refinado e chegou mesmo a propiciar o surgimento dos Metódicos. Mas esse amadurecimento recorreu constantemente ao fértil campo dos argumentos originados em outras querelas que eclodiram também na passagem do séc. IV ao III a.C., entre céticos, estoicos e epicuristas, platônicos e aristotélicos, perdurando até pelo menos a tardo-Antiguidade. E assim como vemos surgir, na filosofia, o fenômeno do ecletismo, consistindo na adoção parcial de doutrinas filosóficas de diferentes escolas, igualmente ocorre na medicina, como exemplificado nos escritos e na posição do próprio Galeno (cf. *De libr. prop.* I, SM II, p.95).

Assim,

Galeno tem uma tendência a olhar para todo um conjunto de questões que ocuparam os filósofos por um longo tempo e em torno das quais eles tomaram em diferentes campos, como questões que não podem ser resolvidas, mas somente especuladas. Galeno estava determinado a não perder seu tempo com tais especulações. Assim, ele pensa que não há sentido em tentar tomar posição acerca de questões como a natureza de Deus, a substância da alma, sua corporeidade e imortalidade, a eternidade do mundo, o número de mundos, ou se o mundo existe no vazio (*Plac. Hipp, et Plat.* IX, 6,19-9, 9, CMG V, 4,1, 2,1.576-00; *In Hipp, de morb. ac. comm.* I, 2, CMG V, 9, 1, p. 125; *De subst. nat. fac.* Kuhn IV, 762 =*De sent.* 15.1; *Quod animi mores* 3, SM II, p. 36; *De sent.* 2 Nutton). Não é só que ele pensa que não se pode ter total confiança nos pontos de vista de alguém sobre esses temas. Ele recusa adotar *qualquer* ponto de vista sobre eles. Uma vez que é exatamente em torno de questões desse tipo que as escolas de filosofia são divididas, a atitude de Galeno para com essas questões de algum modo explica sua recusa em identificar-se com qualquer uma das escolas.

Sem dúvida, essa atitude é o resultado da influência do ceticismo. Mas, (...) Galeno era bastante impressionado pelas ciências matemáticas para desprezar a habilidade da razão com relação a verdades teóricas. De modo que estava também convencido de que grandes áreas da filosofia eram imunes à séria dúvida cética, suficientemente a ponto de ser capaz de desenvolver uma lógica, uma teoria física (no sentido de uma teoria da natureza em geral) e uma teoria moral⁴.

iii-

⁴ FREDE, 1985, p. xviii.

É chegado o momento de argumentar pela utilidade de Galeno para a compreensão do ceticismo de Sexto Empírico e também de demonstrar alguns problemas em torno dessa hipótese.

Basicamente, a utilidade de outra fonte primária para referência cruzada externa à obra de Sexto é que, considerando a lacuna que há acerca de Sexto, poderíamos compreender melhor o impacto causado por sua obra – vasta quando comparada com o estado fragmentário das obras de outros filósofos do mesmo período – e a motivação subjacente à sua escrita. Para tal poderíamos usar o pseudo-Galeno supracitado, *As epítomes alexandrinas a Galeno* ou Diógenes Laércio, que explicitamente mencionam Sexto, algo que Galeno não faz.

Contudo, pseudo-Galeno, por ser um autor desconhecido e que não possui todo um *corpus* escrito, pode ser muito difícil de situar, agravando ainda mais o estado aporético de coisas. *As epítomes alexandrinas*, por sua vez, são um resumo que sobrepõe o galênico *Das seitas médicas* ao pseudo-galênico *Introductio seu medicus*, e, se argumentamos que pseudo-Galeno não nos esclareceria, com relação às *Epítomes alexandrinas*, resta o outro material primário que foi utilizado pelo epitomista cristão de língua árabe, Hunayn ibn Ishaq (809-873): *Das seitas médicas*, de Galeno.

Finalmente, resta a duvidosa cronologia oferecida por Diógenes Laércio (*D.L.* IX, 116). Mas o contexto literário interno à *D.L.* é quase que totalmente filosófico, biográfico e anedótico, quase nunca médico, e, apesar de Diógenes nos confirmar a ligação de Sexto com a seita Empirista de medicina, assim como fazem pseudo-Galeno e Hunayn ibn Ishaq, não nos diz nada sobre o que seria tal seita médica, seus fundamentos teóricos e procedimentos metodológicos.

Desse modo, ainda que não mencione Sexto Empírico, *Das seitas médicas* segue sendo uma das melhores obras para se entender a seita Empirista⁵, a qual Sexto se liga, conforme atestado pelas três outras fontes: pseudo-Galeno, *Introductio seu medicus* 14.683.5-14.684.5; *D.L.* IX, 116; *As epítomes alexandrinas a Galeno: De Sectis*, 4.

O principal problema da hipótese de que se deve usar *Das seitas médicas* para se entender melhor a obra de Sexto, especificamente as partes aqui traduzidas e que versam sobre a seita dos Empiristas, é que as evidências internas a esta obra desqualificam a ligação de Sexto com os Empiristas. Ou seja, o próprio Sexto explicitamente rejeita a ligação entre sua versão do pirronismo e os Empiristas (*P.H.* I, 236-241). De fato, segundo Sexto, o Metodismo aproximar-se-ia muito mais do pirronismo, por sua postura não-assertórica, na medida em que os Empiristas asseririam a inapreensibilidade do não-evidente. Os Empiristas são assim criticados pela mesma razão que Sexto critica os acadêmicos na célebre distinção entre o comportamento do cético, o dos dogmáticos e o dos acadêmicos em *P.H.* I,1: ao passo que os dogmáticos pensam que descobriram a verdade, acadêmicos rejeitam que ela possa ser descoberta, o cético, por seu turno, continua investigando.

Mas, talvez as críticas de Sexto aos Empiristas sejam mais do que um quebra-cabeças desconcertante, pois podem ser tratadas como evidências bastante elucidativas, assim:

⁵ Ao lado de *De experientia medica* e *Esboço de empirismo* (esta existente somente em sua versão latina).

1- Sexto critica os Empiristas por seu dogmatismo negativo, que os faz parecerem acadêmicos, ao invés de pirrônicos. Isso não seria problemático se não fosse um certo tipo de “deserção” dos Empiristas com relação ao pirronismo. Interpretação que corroboraria a hipótese de que após o *revival* do pirronismo com Enesidemo, houve uma espécie de desenvolvimento simbiótico do neopirronismo e do Empirismo.

2- É precisamente por caminharem mais ou menos paralelamente que a posição dos pirrônicos foi confundida com a posição dogmática negativa dos Empiristas, propiciando as críticas contra o pirronismo de que este conduziria a uma vida impossível de ser vivida na prática, e mais tarde a necessidade de Sexto de claramente demarcar as diferenças entre a postura do pirrônico e a dogmático-negativa dos acadêmicos e Empiristas.

3- Os debates constantes dos Empiristas contra os Racionalistas fizeram com que os primeiros recaíssem numa postura radicalmente anti-teorética, autocontraditória, e que em última instância impedia o próprio avanço da medicina. Enquanto isso, apesar da simbiose com os Empiristas, o pirronismo seguiu desenvolvendo-se como uma possibilidade coerente de abordagem da filosofia.

4- Ainda que tenha sido treinado médico entre Empiristas, sob Menodoto, é devido ao seu comportamento cético e não-assertórico que Sexto foi capaz de elaborar uma crítica aberta à própria seita Empirista. E, vindo a ser o sucessor de Menodoto na liderança da seita, teria conseguido alinhá-la melhor ao pirronismo, evitando os passos dogmático-negativos que seu mestre havia dado em direção à rejeição da possibilidade racional da nosologia, por exemplo. É neste sentido que se deve entender a afirmação de pseudo-Galeno de que Sexto levou a seita Empirista à perfeição, pois a ela deu a coerência que faltava sob Menodoto, assim como fez com o pirronismo.

iv-

Os quatro argumentos dispostos logo acima tratam a *dýnamis* cética e a medicina como dois tipos de atividades que podem ser exercidas sem contradizerem-se. Mas isso não é auto-evidente e precisa ser argumentado. Ademais, o problema pode ser ainda mais agravado pelo fato de que o alinhamento que Sexto faz entre medicina e pirronismo poder gerar uma espécie de terapêutica cética, fazendo assim emergir a seguinte questão: “pode o cético prescrever o ceticismo, assim como se indicaria abdominais, um copo de água, ou a lembrança noturna antes de dormir?”.

Nas linhas seguintes vou tentar lidar com as duas questões: a- a do alinhamento entre pirronismo e medicina em Sexto; b- a de um alinhamento tal que gere uma terapêutica cética. Considero que a questão ‘b’ seja um desenvolvimento da ‘a’, mas por questões internas à minha argumentação, começarei pela ‘b’.

v-

Para Sexto, o problema central do comportamento dogmático é o compromisso assertórico, ou seja, a necessidade de emitir proferimentos que afirmem algo (como fizeram estoicos, peripatéticos ou os Racionalistas de seu tempo, ao afirmarem, por exemplo, a apreensibilidade, *κατάληψις*), bem como proferimentos que rejeitem algo (como fizeram os acadêmicos e os

Empiristas de seu tempo, ao rejeitarem, por exemplo, a possibilidade da apreensão, ἀκαταληψία).

O cético, por seu turno, possuiria um uso dos termos e da linguagem de modo não-dogmático (ἀδόξαστος) e com sentido indiferente (ἀδιάφορος). Isto significa que o cético joga um jogo de linguagem diferente, em que pode evitar fazer com que seu discurso pareça conter asserções peremptórias sobre tópicos como verdade/falsidade ou apreensibilidade/inapreensibilidade. Este jogo é o da ἀφασία cética, ou não-asserção.

Assim Sexto se expressa acerca da questão:

Sobre a ἀφασία, dizemos o seguinte: o termo asserção (φάσις) tem dois sentidos, um geral e outro específico; usado no sentido geral, indica afirmação ou negação (...); no sentido especial, indica somente afirmação (...). A ἀφασία então é a evitação da asserção no sentido geral, no qual é dito incluírem-se tanto a afirmação quanto a negação, então a ἀφασία é um πάθος (afecção) nosso, por meio do qual recusamos tanto afirmar quanto negar. (P.H. I, 192)

Sexto enfatiza que a não-asserção não é resultado do modo como as coisas são em si mesmas, i.e. ela não revela uma indeterminação que estaria nas próprias coisas, mas ela exprime o πάθος próprio do cético. Ele enfatiza também que o escopo da não-asserção são proferimentos dogmáticos acerca do não-evidente⁶.

Mas, por outro lado, sem se importar com o valor de verdade/falsidade das asserções:

<o cético> entrega-se às coisas que nos movem de acordo com o páthos e que nos levam necessariamente (ἀναγκαστικῶς = compulsoriamente, coercitivamente) ao assentimento (P.H. I, 193).

E para deixar claro seu descompromisso assertórico, o cético usa uma série de fórmulas como “não mais” (οὐ μᾶλλον), “talvez” (τάχα), “possivelmente” (ἔξεστι), “nada determino” (οὐδὲν ὀρίζω), e principalmente “me parece que” ou “parece-nos” (φαίνεται ἡμῖν). Assim, em vez de estar constatando como as coisas são ou não, o cético está declarando como as coisas aparecem, por isso Sexto diz que os céuticos ἀπαγγέλλομεν (ou seja, declaram, anunciam) como as coisas a eles se apresentam (P.H. I, 4).

Agora, voltando à pergunta inicial (‘b’), sobre se o cético prescreve o ceticismo, me parece que Sexto Empírico, sendo médico, estaria apto a dizer que sim, pois: “o cético, sendo filantropo, quer curar pelo discurso a arrogância e a precipitação dos dogmáticos” (P.H. III, 280). E claramente nos é dito em seguida que os argumentos céuticos são como remédios, uns fortes – para os fortemente enfermos – outros brandos, para aqueles cuja enfermidade é branda.

⁶ Mais tarde voltarei a este ponto, porque é preciso explicar melhor o que isto significa, pois dizer que “se evitam proferimentos dogmáticos” pode incluir ou não proferimentos dogmáticos que não sejam exclusivamente concernentes às filosofias ou às *téchnai*.

Isso faz emergir uma pergunta: o cético toma por ponto de partida que o dogmatismo é ruim em si e por isso deve ser curado? No momento não tenho uma resposta para isso, ainda mais tendo em vista a ausência de exemplos onde poderia haver um tratamento da questão nos termos em que se coloca. Assim, nesse ponto não tenho como rejeitar que possa haver um dogmatismo implícito na declaração sextiana de que os dogmáticos sofrem. Mas este dogmatismo somente haveria se entendermos que em alguma instância há uma afirmação, ou seja, que a declaração aqui porta-se como uma asserção.

Outra pergunta que pode surgir, agora que argumentei que o cético pode indicar e mesmo ministrar doses de ceticismo, é se ele não estaria sendo dogmático ao fazê-lo. A resposta é que não necessariamente, pois posso dizer: “me parece que” ou “talvez” “abdominais, um copo de água ou a rememoração noturna façam bem”, e isto é totalmente diferente de asserir: “realmente”, “é verdade que” “abdominais, copos d’água e rememoração noturna farão bem”; ou ainda: “realmente”, “é verdade que” “abdominais, copos d’água e rememoração noturna não farão bem”.

O cético então poderia dizer: “me parece que, talvez neste caso, de acordo com a minha experiência, dever-se-ia adotar uma conduta X para chegar a Y”. E isso não é dogmatizar, pois é oposto a dizer, por exemplo: “de fato, dever-se-ia necessariamente agir de acordo com o critério X para derradeiramente operar de acordo com uma conduta que o faça atingir α ”, (onde X pode ser: “sentidos” ou “razão”, e α pode ser “excelência” ou “sabedoria”).

Façamos uma recapitulação. A pergunta que nos direcionou nesta seção do texto foi sobre a possibilidade de se indicar o ceticismo enquanto terapia. Para responder, passamos por analogias médicas, primeiramente a apresentada a partir de *P.H.* I, 236. Isto, por sua vez, nos permitiu pensar o dogmatismo enquanto postura assertórica (positiva ou negativa) e sobre o significado da ἀφασία no ceticismo sextiano.

Depois passamos às analogias médicas presentes em *P.H.* III, 280, o que nos levou ao problema do possível dogmatismo implícito em uma eventual assunção de um mal dogmático (para o qual não ofereci resposta); e também ao problema do dogmatismo implícito no próprio receituário de argumentos céticos, problema este que foi sanado através justamente da concepção sextiana de ἀφασία, que reduz o caráter assertórico do proferimento cético, de modo que o cético pode aconselhar algo que pareça curar, sem que isto recaia em um proferimento dogmático – aquele que tem compromisso com a verdade/falsidade.

Mas isso nos leva a outra questão: o ceticismo é uma *téchne*, ou seja, uma arte da vida? Esta pergunta, por sua vez, faz com que nos voltemos para a parte ética da filosofia, que é tratada por Sexto Empírico em *Adv. Eth.* (ou *M* XI), e também *P.H.* III, 168, que se relaciona diretamente com *Adv. Eth.* Especialmente importante é a discussão que se segue após *P.H.* III, 188, em que Sexto remete-se à noção de τέχνη περὶ βίον (ou ‘arte acerca da vida’).

O argumento sextiano dirige-se 1) à definição estoica de τέχνη como “sistema composto por apreensões exercidas em conjunto”; 2) à concepção estoica de apreensão; 3) à concepção estoica de alma, que é contraposta à concepção platônica.

Mas essas três supracitadas etapas da argumentação sextiana são complexas por si sós e para serem devidamente tratadas seria necessário outro texto⁷. O que me interessa de fato é a argumentação que vem depois, que começa em *P.H.* III, 190 e que objeta que não parece haver algo que seja naturalmente bom e que seja então um *τέλος* moral.

Do mesmo modo, não parece haver um mal e nem indiferentes, tendo em vista as divergências sobre isto existentes entre filósofos, mas também entre pessoas ordinárias, em seus costumes e convenções. Por exemplo, diz-nos Sexto: “entre nós a sodomia é considerada vergonhosa ou mesmo ilegal, mas entre os germânios⁸ é vista não somente como não vergonhosa, mas mesmo como habitual” (*P.H.* III, 199).

Ou: “fazer sexo com uma mulher em público, embora seja por nós considerado vergonhoso, não é considerado vergonhoso por alguns indianos” (*P.H.* III, 200). E aqui Sexto se lembra do Casal Crates e Hipárquia em sua *κυνογάμια*.

E também: “para nós a tatuagem é considerada vergonhosa, mas muitos egípcios e sármatas tatuam a prole” (*P.H.* III, 203).

Então, considerando tal diafonia nos costumes, o cético “suspende o juízo quanto à existência de algo bom ou mal por natureza” (*P.H.* III, 235) e observa *ἀδόξατος* a vida ordinária.

Anteriormente foi dito que o escopo da não-asserção cética são proferimentos dogmáticos acerca do não-evidente, agora é hora de explicar melhor o que isto significa, pois ao dizer que “alguém evita proferimentos dogmáticos”, isto pode incluir proferimentos dogmáticos que não sejam exclusivamente concernentes às filosofias ou às *téchnai*, ou não? Ou seja, há asserções ou proferimentos dogmáticos na vida comum?

Considerando a supracitada argumentação de Sexto acerca das *διαφωνίαι* que emergem da comparação entre costumes, me parece evidente que sim: há asserções na vida ordinária; elas também são alvo da suspensão cética de juízo. Mas isso não compromete a vida, pois o cético tomaria por guia as afecções, relatando o que aparece e sem a este relato conferir peso assertórico. Para corroborar esta argumentação (que de fato é

⁷ A/O *peer reviewer* deste texto, a quem sou muito grato, sugeriu que aqui eu fizesse uma nota explicando, ou ao menos explicitando, as etapas (1), (2) e (3) da exposição sextiana que menciono no parágrafo imediatamente acima. Concordo plenamente que tal explicação deva ser dada, mas penso que seja inoportuno fazê-lo aqui, tanto no corpo do texto, quanto numa nota de rodapé. O motivo é simples: trata-se de uma discussão muito cara não somente para estudiosos do ceticismo, mas também para os estoicos, pois nos permite entender (a) o desenvolvimento da Stoá enquanto sistema, em geral, e (b) enquanto fundamentação teórica para seis das sete artes que viriam a compor, na Idade Média, o *trivium* e o *quadrivium*: gramática, retórica, geometria, aritmética, astrologia e música (*c.f. Adv. Math.* I a VI). Assim sendo, penso que se as etapas da exposição sextiana sobre as definições estoicas de *τέχνη*, apreensão e alma devem ser omitidas do presente texto para não entrarmos em uma digressão que somente nos atrapalharia. Mas também acho que essas etapas não devem aparecer em uma nota de rodapé, considerando que a importância de (a) e (b) acima tenha sido compreendida. Assim, com o máximo respeito pela/o *peer reviewer*, reitero que elucidarei as etapas (1), (2) e (3) em outro artigo.

⁸ Tribo persa.

uma média entre a versão urbana e a rústica do ceticismo)⁹, uso um tropo de Agripa, o da δ ι α φ ω ν ί α, cuja descrição cito: “o baseado na diafonia é aquele de acordo com o qual, quanto a questão em discussão, tenha ela surgido na vida ordinária ou entre os filósofos, nos encontramos em um estado de indeterminação” (P.H. I, 165).

Então a observância da vida comum significa agir como agem as pessoas comuns, tendo a natureza por guia, sendo constrangido pelas afecções, sendo ativo em algum ofício e respeitando leis e costumes (os quatro pilares da vida cética). Contudo, diferentemente dos homens comuns e também dos filósofos, o cético não se compromete com asserções, pois elas todas podem ser suspensas.

O retorno cético à vida comum é o retorno à observância externa de instâncias dessa vida, mas seu estado mental é diferente, pois ele passou por um exercício, participou de uma atividade (δ ι ά θ ε σ ι ς), dispõe de uma capacidade (δ ύ ν α μ ι ς), porque em algum momento adotou uma conduta, uma ά γ ω γ ή.

Esta conduta pode ser reconstruída a partir da leitura do livro I das P.H., notadamente através dos passos 1, 4, 7, 12, 25-31, e também é apresentada ordenadamente em *Contra os gramáticos* 6. Ela funciona do seguinte modo:

- 1º- começa-se com a pesquisa ζήτησις, ou o exame σκέψις;
- 2º- durante a pesquisa percebe-se um conflito (μάχη) entre asserções;
- 3º- este conflito se dá por causa da equipolência (ισοσθένεια) destas asserções;
- 4º- emerge a aporia;
- 5º- a aporia leva a suspensão do juízo, ou retenção do assentimento (έποχή);
- 6º- que por um acaso faz surgir a imperturbabilidade (άταραξία).

Após a suspensão, estando imperturbável, o cético observa não-dogmaticamente e não-assertoricamente a vida ordinária, como dissemos alhures.

vi-

Agora, para finalizar, gostaria de falar mais sobre no que consiste esta observação/observância da vida ordinária, e isto nos permitirá voltar ao ponto do alinhamento entre pirronismo e medicina em Sexto (que chamei de ‘a’ mais acima), lançando uma nova luz sobre o tema.

Para falar desta observação/observância, Sexto usa o verbo τηρέω, que significa fazer τηρήσις, palavra que inicialmente possui um uso político, como, por exemplo, em Aristóteles, *Pol.* 1308a30, significando “vigilância”, “custódia” e “preservação”.

⁹ Ver: BRITO, R. P. *Uma 'via média' interpretativa para o ceticismo sextiano e sua aplicação na análise de 'Contra os retóricos'*. In: *Revista Sképsis*. Ano VII, Nº 11, 2014, p. 33-69.

Em Sexto Empírico esta semântica persiste, assim o cético sextiano é marcado pela observância dos costumes (daí os quatro pilares da vida cética, que aparecem em *P.H. I*, 23).

Mas também há em Sexto outra semântica, a da observação, enquanto componente da abordagem dos médicos Empiristas, conforme atestado por Galeno em *Das seitas médicas para os iniciantes*, como se poderá verificar na leitura da tradução que ofereço mais abaixo. Corroborando essa interpretação, há em Sexto uma breve e curiosa passagem de *Contra os astrólogos* em que ele diz que, ao contrário do método Caldaico de observações celestes e assunções de efeitos por conta de uma relação causal não-evidente entre a disposição dos astros e o comportamento humano, por outro lado “na medicina observamos que um ferimento no coração é mortal, tendo sido observada não somente a morte de Díon, mas também de Théon e Sócrates e muitos outros...” (*Adv. Ast.* 104 = *M V*, 104). Vale a pena enfatizar que a ocorrência do verbo τηρέω na 1ª pessoa do plural do aoristo indicativo ativo (ἐτήρησαμεν), indica que também Sexto, na medicina, adotava o método observativo.

Assim, a “observação” constitui uma etapa da metodologia dos Empiristas: os usos locais são observados, e também a evolução das doenças.

E esta observação dos usos locais para tratamentos de doenças, que também pode ser entendida como observância dos usos, a τηρησις, é quase inócua se não for acompanhada da transição para o semelhante: τοῦ ὁμοίου μετάβασις.

Pois é esta transição que permite que algo que foi observado como eficiente em um caso X possa ser aproveitado em um caso Y, desde que X e Y pareçam semelhantes.

Então pensemos em Sexto, o fato de ser cognominado Empírico denota sua adesão inicial à seita dos médicos Empiristas. Mas Sexto nos informa que esta seita tornara-se dogmático-negativa, porque rejeitou assertivamente a possibilidade do conhecimento (como faziam os acadêmicos). Sexto então, tendo pesquisado e examinado outros grupos, como os médicos Racionalistas (que estavam enveredados em pesquisas sobre as etiologias não-evidentes das doenças e asseriam a possibilidade de conhecê-las), deu ouvidos às críticas feitas ao comportamento assertórico negativo dos próprios Empiristas, que gerava uma autocontradição. Assim, ao tornar-se líder dos Empiristas, alinhou a seita ainda mais explicitamente ao pirronismo, evitando proferimentos dogmático-negativos e investindo em tópicos como ‘observação/observância dos costumes’, ‘não-asserção’, ‘transição para o semelhante’. Conceitos que são basilares para a compreensão dos *modi operandi* dos céticos pirrônicos e dos médicos Empiristas, ambos aperfeiçoados por Sexto.

vii- Tradução de Galeno, *Das seitas médicas para os iniciantes*, 1.64.1-169.5:

De Galeno: sobre as seitas¹⁰ [médicas] para os iniciantes

(1.64.1) O escopo da arte¹¹ médica é a saúde, e seu fim a sua posse. É necessário ser sabido pelos médicos como fazer a saúde advir, quando

¹⁰αἱρεσις: uma adesão, inclinação ou escolha. Denota partido ou grupo, a seita dos que escolhem uma determinada coisa em detrimento de outra.

ausente, ou mantê-la, quando presente. Chama-se de **(1.64.5)** medicamentos e de remédios o que suscita a saúde quando está ausente, e de dietas saudáveis o que mantém [a saúde] quando presente. Eis porque o antigo relato¹² diz que a medicina é a ciência das coisas saudáveis e das nocivas, sendo chamadas saudáveis as que mantêm a saúde quando presente **(1.65.1)** e as que a restauram quando arruinada, e [sendo chamadas de] nocivas as diametralmente opostas a essas. Pois o médico precisa de ambos os conhecimentos para capturar uma e escapar da outra. Mas não há acordo entre todos sobre onde se encontraria **(1.65.5)** o conhecimento de tais coisas, mas uns dizem que somente a experiência é suficiente para a arte, outros acham que a razão não pouco contribui. Aqueles são chamados de Empiristas¹³ por partirem somente da experiência¹⁴, sendo parônimos¹⁵; do mesmo modo, os que [partem] da razão, **(1.65.10)** de Racionalistas¹⁶, e estas são as duas seitas primárias da medicina. A primeira parte de experimentos¹⁷ para a descoberta de medicamentos, a segunda [parte da] indicação. E assim eles deram os nomes de Empirista e de Racionalista às [suas] seitas. Mas usualmente a Empirista também é chamada de **(1.65.15)** Observante¹⁸ e de Memorativa¹⁹, e a Racionalista de Dogmática²⁰ e de Analogística²¹; e

¹¹ τέχνη: arte ou técnica, recorrentes como traduções para o vocábulo, me parecem insuficientes e por isso prefiro ‘ofício’, por em uma única palavra conter semânticas tais como: artesanato, arte, técnica, todos enquanto manejo de uma conhecimento e de uma prática. Contudo, verti τέχνη por arte em todo o texto por questões estilísticas. Assim, evitei que frases que ocorrem como: “o escopo da arte médica é...” ocorressem como: “o escopo do ofício da medicina é...”, por exemplo.

¹² Não se trata aqui de λόγος enquanto razão, enquanto, portanto, mola-mestra do procedimento da seita dos Racionalistas (como se há de ver), mas sim simplesmente de ‘account’.

¹³ Optei por grafar os nomes das seitas com maiúsculas ao longo de todo o texto.

¹⁴ Apesar de ter vertido ἐμπειρικοί por Empiristas (e não Empíricos), não optei por verter ἐμπειρία por empiria, mas simplesmente optei pelo próprio significado da palavra. Assim: ‘experiência’.

¹⁵ Houaiss 2001: “*adj.s.m.* (1858 cf. MS) gram. ling. **1** diz-se de ou cada um dos dois ou mais vocábulos que são quase homônimos, diferenciando-se ligeiramente na grafia e na pronúncia **1.1** diz-se de ou palavra cujos fonemas podem confundir-se com os de outra(s), por razões etimológicas ou simplesmente tônicas (p.ex.: *deferir: diferir, descrição: discricção, emigrar: imigrar* etc.) **1.2** na paronomásia, diz-se de cada uma das palavras fonicamente parecidas que se colocam próximas uma da outra num texto. Uso neste dicionário, incluímos entre os parônimos (rubrica par) os vocábulos que se escrevem com as mesmas letras, mas que diferem quanto à acentuação gráfica e ao timbre (*papéis* [pl. *papel*] e *papeis* [v. *papar*]), para os quais tb. se usa a denominação de *homógrafos imperfeitos*. Etim gr. *parónimos,os,on* ‘que tem nome parecido; que deriva de outro nome ou palavra; sobrenome’; ver *par(a)-* e *-ônimo*; f.hist. 1858 *parónymo*, 1899 *parónimo*. Col paronimia, paronímia”.

¹⁶ Assim como ἐμπειρικοί é vertido por Empiristas, e não Empíricos, também λογικοί é vertido por Racionalistas, e não Racionais.

¹⁷ πείρα: tentativa. Mas uma vez que se trata de um método dos Empiristas, uma abordagem que pode envolver “tentativa-erro”, sendo essa abordagem uma espécie experimento, resolvi assim traduzir o vocábulo ao longo de todo o texto.

¹⁸ τηρητικός: que parte da τήρησις (observação/observância), ou seja ‘Observante’.

¹⁹ μνημονευτικός:: que parte da μνήμη (memória/rememoração), ou seja ‘Memorativa’.

²⁰ δογματικός: diz-se de quem adota princípios gerais teóricos acerca de algo, contrapondo-se a uma abordagem experimental, como se verá.

²¹ ἀναλογιστικός: diz-se de quem opera por um método analógico, como se verá.

semelhantemente às seitas, os homens que escolheram²² a experiência são chamados de Empiristas, Observantes e Memorativos dos fenômenos; os que admitiram a razão de **(1.65.20)** Racionalistas, Dogmáticos e Analogísticos.

(1.66.1) Os Empiristas dizem que a arte é organizada do seguinte modo. Uma vez observou-se que muitas das afecções humanas se dão espontaneamente, tanto nos doentes quanto nos saudáveis, como o sangramento **(1.66.5)** nasal ou a sudorese, a diarreia ou outra coisa assim, que trouxe dano ou vantagem, de modo algum tendo uma causa produtiva²³ perceptível²⁴. Quanto às outras [afecções], a causa é manifesta, não advindo por escolha nossa, mas por acaso, como quando ocorre que alguém caiu ou foi golpeado, ou **(1.66.10)** ferido de algum outro modo, o sangue fluiu; e quando, na doença, bebeu água fria, vinho ou outra coisa assim, satisfazendo seu apetite, cada um destes terminando em benefício ou dano; [então] ao primeiro tipo de coisa benéfica ou danosa chamaram de natural, ao segundo de casual; **(1.66.15)** mas, em ambos os casos, chama-se de incidência²⁵ a primeira visão [das coisas benéficas ou danosas], dando esse nome por algo incidir sobre as circunstâncias involuntariamente. Tal então é o tipo de experiência incidental. Mas há a impremeditada²⁶, quando **(1.67.1)** deliberadamente se tenta algo, ou compelido por sonhos ou por quaisquer outras suposições. E há um terceiro tipo de experiência, a imitativa²⁷, quando algo benéfico ou danoso, tanto naturalmente quanto casualmente ou **(1.67.5)** impremeditadamente, é experimentado recursivamente nas mesmas afecções. E é principalmente este [tipo] que constituiu sua arte; pois tendo imitado, não somente duas ou três, mas muitas vezes o que causou benefício anteriormente, em seguida descobriram que, na maioria dos casos, **(1.67.10)** o produto era o mesmo nas mesmas afecções – e a tal rememoração²⁸ chamaram de teorema²⁹, já considerada confiável e parte da arte. Assim, tendo-se coletado muitos desses teoremas por eles, a totalidade da coletânea é a medicina, e o coletor, o médico. Tal coletânea foi chamada por eles de autópsia³⁰, sendo um tipo de rememoração **(1.67.15)** do que foi visto muitas vezes e do mesmo modo. Mas também chamaram essa mesma coisa de experiência, e a sua divulgação de história³¹; pois para o observador [a rememoração] é autópsia, por outro lado, é história para quem aprende o que foi observado. **(1.68.1)** Mas, uma vez que se deparavam com algumas doenças que não haviam sido vistas anteriormente ou com outras que eram conhecidas, em locais nos quais não havia provisão de medicamentos observados por meio de experimentos, criaram um instrumento para **(1.68.5)** descobrir remédios: a transição para o semelhante, com ajuda da qual amiúde transferem o mesmo remédio de afecção à afecção, de lugar a lugar [afetado], e de um remédio previamente conhecido vão para um parecido. De afecção a afecção, **(1.68.10)** como se

²² Terceira pessoa do plural do aoristo indicativo médio de αἰρέω: escolher. Daí o livro tratar-se de uma apresentação das diferentes αἰρέσεις (escolhas, adesões) médicas.

²³ ποιεῖσάν αἴτιον.

²⁴ αἰσθητός: sensível.

²⁵ περίπτωσις: encontro.

²⁶ αὐτοσχέδιος: espontâneo, improvisado.

²⁷ Ou mimética.

²⁸ μνήμη.

²⁹ θεωρημα: teoria, especulação, intuição ou algo sujeito à investigação.

³⁰ αὐτοψία: visão ou percepção de si mesmo.

³¹ ἱστορία: investigação, observação científica, informação ou relato.

passassem da erisipela à herpes, de lugar a lugar [afetado], como do braço à coxa, de remédio a remédio como, na diarreia, da maçã à nêspira. Toda essa transição é um caminho para a descoberta, mas a descoberta nunca **(1.68.15)** antecede o experimento. Uma vez que se colocou em experimento aquilo que se esperava, já é confiável sendo confirmado por esse [experimento], não menos do que se tivesse sido observado amiúde e do mesmo modo. A este experimento que acompanha a transição para o **(1.69.1)** semelhante chamam de prático, porque é preciso ser prático na arte caso se pretenda descobrir algo desse modo. Todos os experimentos que antecedem a experiência, dos quais a arte necessitava para a sua constituição, podem ser criados **(1.69.5)** pelas pessoas comuns. Tal é o caminho através do experimento para [alcançar] o fim da arte.

ΓΑΛΗΝΟΥ ΠΕΡΙ ΑΙΡΕΣΕΩΝ ΤΟΙΣ ΕΙΣΑΓΟΜΕΝΟΙΣ.

(1.64.1) Τῆς ἰατρικῆς τέχνης σκοπὸς μὲν ἡ ὑγίεια, τέλος δ' ἡ κτήσις αὐτῆς. ἐξ ὧν δ' ἂν τις ἢ μὴ παροῦσαν ὑγίειαν ἐργάζοιτ' ἢ παροῦσαν διαφυλάττοι, γινώσκεσθαι μὲν ἀναγκαῖον τοῖς ἰατροῖς· καλεῖται δὲ **(1.64.5)** τὰ μὲν ἐργαζόμενα τὴν μὴ οὔσαν ὑγίειαν ἰάματά τε καὶ βοηθήματα, τὰ δὲ φυλάττοντα τὴν οὔσαν [ὑγίειαν] ὑγιεινὰ διαιτήματα. ταῦτ' ἄρα καὶ αὐτὴν τὴν ἰατρικὴν ἐπιστήμην ὑγιεινῶν καὶ νοσερῶν ὁ παλαιὸς λόγος φησὶν, ὑγιεινὰ μὲν καλῶν τὰ τε φυλάττοντα τὴν οὔσαν **(1.65.1)** ὑγίειαν καὶ τὰ τὴν διεφθαρμένην ἀνασώζοντα, νοσερὰ δὲ τὰναντία τούτων· δεῖται γὰρ ἀμφοῖν ὁ ἰατρὸς τῆς γνώσεως ὑπὲρ τοῦ τὰ μὲν ἐλέσθαι, τὰ δὲ φυγεῖν. ὅθεν δ' <ἂν> τὴν τούτων ἐπιστήμην ἐκπορίσαιτο, οὐκέθ' **(1.65.5)** [ὁμοίως] ὁμολογεῖται παρὰ πᾶσιν, ἀλλ' οἱ μὲν τὴν ἐμπειρίαν μόνην φασὶν ἀρκεῖν τῇ τέχνῃ, τοῖς δὲ καὶ ὁ λόγος οὐ σμικρὰ δοκεῖ συντελεῖν. ὀνομάζονται δ' οἱ μὲν ἀπὸ τῆς ἐμπειρίας μόνης ὀρμώμενοι παρωνύμως ἐκείνης ἐμπειρικοί, ὁμοίως δὲ καὶ οἱ ἀπὸ τοῦ λόγου **(1.65.10)** λογικοὶ καὶ δύο εἰσὶν αὗται πρῶται τῆς ἰατρικῆς αἰρέσεις, ἡ μὲν ἑτέρα διὰ πείρας ἰοῦσα πρὸς τὴν τῶν ἰαμάτων εὐρεσιν, ἡ δ' ἑτέρα δι' ἐνδείξεως. καὶ ὀνόματά γε ταῖς αἰρέσεσιν ἔθεντο ἐμπειρικὴν τε καὶ λογικὴν· καλεῖν δ' εἰσὶν εἰθισμένοι τὴν μὲν ἐμπειρικὴν **(1.65.15)** τηρητικὴν τε καὶ μνημονευτικὴν, τὴν δὲ λογικὴν δογματικὴν τε καὶ ἀναλογιστικὴν· καὶ τοὺς ἄνδρας ὁμοίως ταῖς αἰρέσεσιν ἔθεντο ἐμπειρικοὺς μὲν καὶ τηρητικοὺς καὶ μνημονευτικοὺς τῶν φαινομένων, ὅσοι τὴν ἐμπειρίαν εἶλοντο, λογικοὺς δὲ καὶ δογματικοὺς καὶ ἀναλογιστικούς, **(1.65.20)** ὅσοι τὸν λόγον προσήκαντο.

(1.66.1) Συστήσασθαι δὲ τὴν τέχνην οἱ μὲν ἐμπειρικοί τόνδε τὸν τρόπον φασὶν. ἐπειδὴ πολλὰ τοῖς ἀνθρώποις ἐώρων πάθη τὰ μὲν ἀπὸ ταύτομάτου γιγνόμενα νοσοῦσι τε καὶ ὑγιαίνουσιν, οἷον αἵματος ῥύσιν **(1.66.5)** ἐκ ῥινῶν ἢ ἰδρωτῶν ἢ διαρροίας ἢ τι τοιοῦτον ἄλλο βλάβην ἢ ὠφέλειαν φέρον, οὐ μὴν τό γε ποιῆσαν αἴτιον αἰσθητὸν ἔχον, ἕτερα δ' ὧν τὸ μὲν αἴτιον ἐφαίνεται', οὐ μὴν ἐκ προαιρέσεως ἡμετέρας ἀλλὰ κατὰ τινὰ συντυχίαν, οἷον συνέβη πεσόντος τινὸς ἢ πληγέντος ἢ **(1.66.10)** ἄλλως πως τρωθέντος αἵμα ῥυῆναι καὶ πιεῖν ἐν νόσῳ χαρισάμενον τῇ ἐπιθυμίᾳ ψυχρὸν ὕδωρ ἢ οἶνον ἢ τι τοιοῦτον ἄλλο, ὧν ἕκαστον εἰς ὠφέλειαν ἢ βλάβην ἐτελεύτα, τὸ μὲν [οὔν] πρότερον εἶδος τῶν ὠφελούντων ἢ βλαπτόντων ἐκάλουν φυσικόν, τὸ δὲ δεύτερον τυχικόν· **(1.66.15)** ἐκατέρου δ' αὐτῶν τὴν πρώτην θέαν περιπίπτωσιν ὀνόμαζον ἀπὸ τοῦ περιπίπτειν ἀβουλήτως τοῖς πράγμασι τοῦνομα θέμενοι. τὸ μὲν οὔν περιπτωτικὸν εἶδος τῆς ἐμπειρίας τοιόνδε τί ἐστὶ, τὸ δ' αὐτοσχέδιον, ὅταν **(1.67.1)** ἐκόντες ἐπὶ τὸ πειράζειν ἀφίκωνται ἢ ὑπ' ὄνειράτων προτραπέντες ἢ ἄλλως πως δοξάζοντες. ἀλλὰ καὶ τρίτον τῆς ἐμπειρίας εἶδος ἐστὶ τὸ μιμητικόν, ὅταν τῶν ὠφελησάντων ἢ βλαψάντων ὀτιοῦν ἢ φύσει ἢ τύχῃ ἢ **(1.67.5)** αὐτοσχεδίως ἐπὶ τῶν αὐτῶν παθῶν αὔθις εἰς πεῖραν ἀγῆται, καὶ τοῦτ' ἐστὶ τὸ μάλιστα τὴν τέχνην αὐτῶν συστησάμενον· οὐ γὰρ δις μόνον ἢ τρις ἀλλὰ καὶ πλειστάκις μιμησάμενοι τὸ πρόσθεν

ώφελησαν, εἴτ' ἐπὶ τῶν αὐτῶν παθῶν τὸ αὐτὸ ποιοῦν εὕρισκοντες ὡς ἐπὶ τὸ **(1.67.10)** πολὺ τὴν τοιαύτην μνήμην θεώρημα καλέσαντες ἤδη πιστὸν ἠγοῦνται καὶ μέρος τῆς τέχνης. ὡς δὲ πολλὰ θεωρήματα τοιαῦτ' ἠθορίζετ' αὐτοῖς, ἰατρικὴ μὲν ἦν τὸ σύμπαν ἄθροισμα καὶ ὁ ἄθροίσας ἰατρός. ἐκλήθη δ' ὑπ' αὐτῶν αὐτοψία τὸ τοιοῦτον ἄθροισμα, μνήμη τις **(1.67.15)** οὔσα τῶν πολλάκις καὶ ὡσαύτως ὀφθέντων. ὠνόμαζον δ' αὐτὸ τοῦτο καὶ ἐμπειρίαν, ἱστορίαν δὲ τὴν ἐπαγγελίαν αὐτοῦ· τὸ γὰρ αὐτὸ τοῦτο τῷ μὲν τηρήσαντι αὐτοψία, τῷ δὲ μαθόντι τὸ τετηρημένον ἱστορία ἐστίν. **(1.68.1)** Ἐπεὶ δὲ καὶ νοσήμασί τιςιν ἐνετύγχανον ἐστὶν ὅτε πρόσθεν οὐχ ἔωραμένοις ἢ τιςιν ἐγνωσμένοις μὲν ἄλλ' ἐν χωρίοις, ἐν οἷς οὐκ ἦν ἰαμάτων εὐπορία τῶν διὰ τῆς πείρας τετηρημένων, ὄργανόν τι βοηθημάτων εὐρετικὸν **(1.68.5)** ἐποίησαντο τὴν τοῦ ὁμοίου μετάβασιν, ᾧ χρώμενοι πολλάκις καὶ ἀπὸ πάθους ἐπὶ πάθος [ὁμοιον] τὸ αὐτὸ βοήθημα μεταφέρουσι καὶ ἀπὸ τόπου ἐπὶ τόπον καὶ ἀπὸ τοῦ πρόσθεν ἐγνωσμένου βοηθήματος ἐπὶ τὸ παραπλήσιον ἔρχονται, ἀπὸ μὲν πάθους ἐπὶ πάθος, **(1.68.10)** ὡς εἰ ἀπ' ἐρυσσιπέλατος ἐφ' ἔρπητα μεταβαίνοιν, ἀπὸ δὲ τόπου ἐπὶ τόπον, ὡς ἀπὸ βραχίονος ἐπὶ μηρόν, ἀπὸ δὲ βοηθήματος ἐπὶ βοήθημα, ὡς ἐν διαρροίαις ἀπὸ μήλου ἐπὶ μέσπιλον. ἅπασα δ' ἡ τοιαύτη μετάβασις ὁδὸς μὲν ἐστὶν ἐπὶ τὴν εὕρεσιν, εὕρεσις δ' οὐδέπω πρὸ **(1.68.15)** τῆς πείρας, ἀλλ' ἠνίκ' ἂν τὸ ἐλπισθὲν εἰς πεῖραν ἀχθῆ, πιστὸν ἤδη τὸ μαρτυρηθὲν ὑπ' αὐτῆς ἐστὶν οὐδὲν ἥτιον ἢ εἰ πλειστάκις καὶ ὡσαύτως ἔχον ἐτετήρητο. τὴν δὲ πεῖραν ταύτην τὴν ἐπομένην τῆ τοῦ ὁμοίου **(1.69.1)** μεταβάσει τριβικὴν καλοῦσιν, ὅτι χρὴ τετρίφθαι κατὰ τὴν τέχνην τὸν μέλλοντά τι οὕτως εὐρήσειν· αἱ δ' ἐμπροσθεν ἅπασαι πεῖραι αἱ πρὸ τῆς ἐμπειρίας, ὧν εἰς σύστασιν ἐδεῖθ' ἡ τέχνη, καὶ περὶ τὸν τυχόντα δύνανται **(1.69.5)** γενέσθαι. τοιαύτη μὲν ἡ διὰ τῆς πείρας πρὸς τὸ τέλος τῆς τέχνης ὁδός.

viii- APÊNDICE: As três seitas médicas e seus principais líderes, segundo por pseudo-Galeno, *Introductio seu medicus* 14.683.5-14.684.5:

a.C.:	RACIONALISTAS	EMPIRISTAS	METÓDICOS
460-370	Hipócrates de Cos	Ácron de Agrigento	
375-295	Diocles de Caristo		
c. 340	Praxágoras de Cos		
335-255	Herófilo da Calcedônia		
c. 300	Mnesitheo de Atenas	Filino de Cos	
304-c.250	Erasístrato de Quífos		
c. 250		Serápion de Alexandria	
c.150		Apolônio da Antióquia (sênior)	
c.130-40	Asclepiades da Bitínia	Apolônio da Antióquia (júnior), cognominado Empírico	
c. 50			Themison da Laodicéia
d.C.:			
c. 70			Téssalo de Trales
“			Mnaseas de Trales
“			Dionísio
“			Proclo
c. 110		Antíoco	Antípatro
“			Olimpiacos da Milésia
“			Menemacos de Afrodísias
“			Sorano de Éfeso
c. 150		Menodoto	
c. 160		Sexto, cognominado Empírico	
c. 200			Arquiguenes da Apaméia (começo dos Ecléticos ?)
“			Leônidas de Alexandria (Eclético ?)

ix- Referências bibliográficas:

- BARNES, J; SCHOFIELD, M; BURNYEAT, M. (eds).** *Doubt and Dogmatism, Studies in Hellenistic Epistemology.* Oxford: Clarendon Press, 1980.
- BARNES, J.** *The Beliefs of a Pyrrhonist.* In: *Proceedings of the Cambridge Philological Society*, nº28. Cambridge, 1982. Pp 1-29.
- BOLZANI, R.** *Acadêmicos versus Pirrônicos.* São Paulo: Alameda Editorial, 2013.
- BRITO, R. P. de.** *Quadros conceituais do ceticismo anterior a Sexto Empírico.* In: *Prometeus – Filosofia em Revista*, Ano 06, nº 12. p. 121-136, 2013.
- _____. *Uma 'via média' interpretativa para o ceticismo sextiano e sua aplicação na análise de 'Contra os Retóricos'.* In: *Sképsis*. Ano VII, Nº 11, 2014, p. 33-69.
- _____; **DINUCCI, A. L.** *Tradução e Apresentação da Diatribe de Epicteto 1.5.* In: *Revista de Filosofia Antiga (USP. Ed. português)*, v. 08, p. 116-132, 2014.
- BURNYEAT, M. F.; FREDE, M. (eds).** *The Original Sceptics.* Cambridge: Hackett Publishing Company, 1998.
- BURNYEAT, M. F.** *Can the Sceptic Live his Scepticism?* In: BURNYEAT, M. *Explorations in Ancient and Modern Philosophy Vol. I.* Cambridge: Cambridge University Press, 2012. Pp. 205-235.
- _____. *The Sceptic in His Place and Time.* In: BURNYEAT, M. *Explorations in Ancient and Modern Philosophy Vol. I.* Cambridge: Cambridge University Press, 2012. Pp. 316-345.
- _____. *Explorations in Ancient and Modern Philosophy Vol. I.* Cambridge: Cambridge University Press, 2012.
- DIÓGENES LAÉRCIO.** *Lives of eminent philosophers.* HICKS, R. D. (trans.). Londres: William Heinemann, 1975.
- FREDE, M; WALZER, R. (trad. & ed.).** *Three Treatises on the Nature of Science: On the Sects for Beginners; An Outline of Empiricism; On Medical Experience.* Indianapolis: Hackett Publishing Company, 1985.
- FREDE, M.** *The Sceptic's Beliefs.* In: FREDE, M (ed.). *Essays in Ancient Philosophy.* Minnesota: University of Minnesota Press, 1989. Pp. 179-200.
- _____. *The Sceptic's Two Kinds of Assent and the Question of the Possibility of Knowledge.* In: FREDE, M (ed.). *Essays in Ancient Philosophy.* Minnesota: University of Minnesota Press, 1989. Pp. 201-225.
- _____. *Essays in Ancient Philosophy.* Minnesota: University of Minnesota Press, 1989.
- HANKINSON, R. J.** *The Sceptics (the arguments of the philosophers).* Londres: Routledge, 1995.
- _____. (ed.). *The Cambridge Companion to Galen.* Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- LIDELL, H. G.; SCOTT, R.** *A Greek-English Lexicon. revised and augmented throughout by Sir Henry Stuart Jones. with the assistance of Roderick McKenzie.* Oxford: Clarendon Press, 1940.
- MARCONDES de Souza Filho, D.** *Finding One's Way About: High Windows, Narrow Chimneys, and Open Doors. Wittgenstein's "Scepticism" and Philosophical Method.* In: POPKIN, R. H. (ed.). *Scepticism in the History of Philosophy.* Amsterdam: Kluwer Academic Publishers, 1996. Pp. 167-179.
- _____. *A "Felicidade" do Discurso Cético: o Problema da Auto-refutação do Ceticismo.* In: *O Que Nos Faz Pensar*, nº 8, 1994. Pp. 131-144.
- MATES, B.** *The Sceptic Way: Sextus Empiricus's Outlines of Pyrrhonism.* Oxford: Oxford University Press, 1996.

- NUSSBAUM, M.** *Skeptic Purgatives: Therapeutic Arguments in Ancient Skepticism*. In: *Journal of History of Philosophy*, volume 29, nº 4, 1991. Pp. 521-557.
- SEXTO EMPÍRICO.** *Contra os retóricos*. BRITO, R. P.; HUGUENIN, R. (trans.). São Paulo: EdUNESP, 2013.
- SEXTO EMPÍRICO.** *Contra os gramáticos*. BRITO, R. P.; HUGUENIN, R. (trans.). São Paulo: EdUNESP, 2015.
- SEXTO EMPÍRICO.** *Complete Works of*, 4 vols. BURY, R. G. (trans.). In: *Loeb Classical Library*. Harvard: Harvard University Press, 2006.
- SEXTO EMPÍRICO.** *Outlines of Scepticism*. ANNAS, J.; BARNES, J. (eds.) Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- SEXTO EMPÍRICO.** *Against the Ethicists*. BETT, R. (trans.). Oxford: Clarendon Press, 1997.
- SEXTO EMPÍRICO.** *Against the Grammarians*. BLANK, D. L. (trans.). Oxford: Clarendon Press, 1998.
- SMITH, P. J.** *Terapia e Vida Comum*. In: *Sképsis*, nº 1, 2007. Pp. 43-67.
- WALBRIDGE, J.** (trad. & ed.). *The Alexandrian Epitomes of Galen vol. 1: On the Medical Sects for Beginners; The Small art of Medicine; On the Elements According to the Opinion of Hippocrates. A parallel English-Arabic text translated, introduced, and annotated by John Walbridge*. In: *Islamic Translation Series*. Utah: Brigham Young University Press, 2014.

Sképsis

2018